



Nila Rodrigues Barbosa

Em primeira pessoa desconfiando e questionando museus.

Em prefácio de um livro que teve sua primeira edição em 2004, Mário Chagas, um dos teóricos de museus e museologia mais estudados na academia, diz que o autor do livro desconfiava dos museus e isso era produtor porque nos fazia pensar que museus não seriam unanimidade nem tampouco seriam isentos de crítica. Isso é importante como um começo de falar sobre de onde partiram minhas investigações sobre Museus. Trata-se de uma publicação que traz para a teoria a contraposição a algo considerado resolvido só porque instituído como solução sem nenhum problema ou inquietação. Francisco Régis Ramos, em “A danação do objeto” [1] chama atenção para o fato de que o Museu como instituição deveria ter o compromisso de manter a inquietude sobre a representação da qual é detentora. Uma forma um tanto, digamos, dialética de ser.

Minha trajetória na escrita sobre museus também vem dessa perspectiva, um pouco iconoclasta, de desconfiar de um lugar com um poder tão grande de contar uma história que para além de ser reverberada para o Outro, seria, principalmente, indicada para crianças como forma de conhecer a história da sociedade da qual faz parte por nascimento ou por adoção. Este um sentido óbvio de manter esse poder. Venho do lugar do Outro. Sou uma mulher Negra, nascida na periferia e ainda construindo nas margens e as vezes junto dela uma forma de pensar que possa ser para todos porque contempla a todos em suas diferenças e trajetórias. Cursei toda a minha formação inicial até a graduação, em escolas e faculdade pública, com bolsa de estudo para pós-graduação a nível de especialização e mestrado em universidade pública.

Meu primeiro contato, consciente, de ser o museu um lugar de guarda de história a ser contada da forma como narrada ali, foi com minha pesquisa do Bacharelado em História, ainda no final na década de 1980. Foi quando consegui, pela primeira vez dar conta da inquietude de ser minha cidade tão nova, menos de 100 anos e o estado de Minas Gerais ter seu início na história no período colonial. Ou seja, a História de Minas Gerais começa antes que houvesse no Brasil o Estado nacional e a história de Belo Horizonte datava do período republicano em seu início.

Note-se que a história de Minas Gerais conta que teve três capitais, entendidas aqui como o centro onde se localiza o poder político. Mariana, Vila Rica depois Ouro Preto e atualmente Belo Horizonte. Não cabe aqui contar essa história e a história de cada uma dessas capitais mas interessa-nos ter em conta que as duas primeiras cidades, são muito próximas e, o ciclo do ouro perpassa seus passados de forma a abarcar origem e processos históricos.

Mas Belo Horizonte, sempre me pareceu tão pertencente a isso quanto aquelas duas. Uma das razões seguramente foi exatamente o processo de mudança para capital que abarca um período, segundo as fontes históricas de 1893 a 1897. Mas ao demarcar esse tema para a minha monografia do bacharelado eu finalmente me dei conta de que se tratava de um paradoxo. Explico: do pouco que estudamos na escola sobre a história de Belo Horizonte somos ensinados que a nova capital foi construída sobre as ruínas de um arraial chamado Curral D'el Rey, possivelmente formado a partir do século XVII. Quando se consulta os documentos dessa mudança percebe-se, primeiro que a cidade foi construída sobre o Arraial do Belo Horizonte, novo nome dado ao Curral D'el Rey a partir de 1890, ano seguinte à Proclamação da República.

Um sinal de contradição em todo esse processo que narro rapidamente aqui, então, é a mudança de nome para um Arraial que estaria em ruínas quando foi estudado para ser capital republicana de Minas Gerais.

Minha pesquisa apontou então o movimento político do lugar através de suas lideranças para que a mudança da capital se efetivasse da forma como foi desrespeitando as conclusões da Comissão de Estudos da Localidades para ser a nova capital. A referida Comissão escolheu outro local e o Congresso Mineiro escolheu Belo Horizonte.

Outras contradições aparecem nesse processo, mas é importante mencionar aqui como aquela primeira história de Curral D'el Rey para capital foi construída, e como foi importante para isso a efetivação de um museu da cidade implantado em 1943, construído com fontes especificamente escolhidas para contar a história de uma capital construída com todos os requisitos de uma modernidade asséptica e com fontes recentes. Desse museu Mário de Andrade teria dito quando visitou a cidade em 1952: "Belo Horizonte tem as antiguidades mais novas do mundo" [2] .

Esse museu foi abordado na minha monografia de Especialização em Estudos Étnicos e Africanos, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG [3] . Estudei os percursos do responsável pela formação do acervo e criação do Museu que, inaugurado como Museu de Belo Horizonte acabou anos depois por levar o nome de seu criador: Abílio Barreto.

Quando desenvolvi a pesquisa para essa monografia que foi defendida em 2007, eu já trabalhava no referido Museu Abílio Barreto, o museu da cidade, desde 2003 e foi importante para

que a minha crítica se tornasse tão apurada na pesquisa o trabalho com uma equipe que reunia muitos historiadores (professores e pesquisadores), Restauradores, Bibliotecários e nenhum museólogo. Porém, essa falta do profissional de museu era sanada por uma pessoa que fora cedida do Museu Histórico Nacional, para capitanear a equipe e que a dirigiu no sentido de fazê-la pensar museus com base em ampla bibliografia sobre eles em sua especificidade. O nome desse formador é José Neves Bittencourt[4].

Foi um período em que os Anais do museu Histórico nacional e os do Museu Paulista tinham artigos lidos de modo contínuo desde os aspectos da formação dos museus, como de conservação, teoria museológica, montagem e cenografias das exposições, etc. Foi oportunidade de formação intensiva e que muito me ajudou a escrever e publicar inclusive nos Anais do Museu Histórico Nacional com o tema de não representação de Negros[5]. Data desse período os primeiros artigos escritos coletivamente e individualmente.

Fui curadora de várias exposições e uma das últimas realizadas causou certo incomodo dentro daquela equipe técnica, mas foi levada a cabo e de certa forma negociou com a cidade não representada em seu museu. O nome da exposição, “Uma questão de Raça, representações do Negro no museu da Cidade”, buscou ser um ponto de questionamento de paradigmas que poderiam expor o próprio museu, o seu acervo e a comunicação de acervo. Uma espécie de autoquestionamento, (porque eu, curadora da exposição, era também técnica de acervo daquele museu), do museu como uma instituição concebida para construir e reverberar a narrativa da história da cidade

e para não representar negros na história da cidade.

Uma visita singular a essa exposição de certa forma me deu o feedback de que minha crítica encontrava ressonância em outros trabalhos que eu não conhecia, até então. A exposição foi montada em uma área que era um foyer que era entrada para o auditório. Um seminário sobre reservas de museus reuniu técnicos e diretores de museus de todo o Brasil naquele museu e uma pessoa ao ver a exposição pediu para falar com a curadora. Foi muito interessante porque quando a recepcionista me falou a primeira vez sobre isso, o fez com o maior cuidado, chamando atenção para que a exposição pode ter causado em alguém alguma indignação principalmente pelo tratamento dado a alguns objetos totalmente diferenciado.

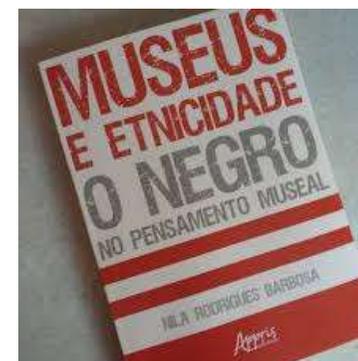
Além da própria mensagem expositiva de “mea-culpa” do museu por não representar Negros como protagonistas, ou ao menos antagonistas em seu acervo. O diálogo com esse então diretor do Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia me aproximou de algumas leituras que eu ainda não havia feito e também de sua dissertação de mestrado e sua tese de doutorado. Essa última, dialogava diretamente com a minha exposição. Foi a primeira vez que tomava contato com a obra de Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha e também com lugares na Bahia onde epistemologias importantes poderiam me enriquecer intelectualmente. Escrevi um artigo onde é narrado todo o processo de montagem da exposição, seus contextos político, históricos e museológicos, de forma detalhada [6].

As visitas a exposição, “Uma questão de Raça, representações do Negro no museu da Cidade”, por parte das escolas, foi colocada no roteiro de visitas ao Museu, mas, eventualmente, poderia não ser mediada. Ela destoava das outras exposições vigentes no mesmo período, e na minha avaliação cumpriu bem seu papel de impactar e ao menos possibilitar o exercício de pensar diferente. Foi uma primeira experiência e anos depois um contínuo de exposições e outros eventos relacionados a presença de protagonistas negros (as) negra na cidade começou a ser constante até os dias atuais.

Até então, pensando minha cidade comecei a atentar para a questão de museus a nível nacional e me chamou atenção o Museu da Inconfidência e o Museu do Ouro. Comecei a observar os acervos destes dois museus com a hipótese de que não fossem eles instituições que vissem o protagonismo negro no século XVIII, cujo acervo possuíam e comunicavam. Para confirmar a hipótese, pensei primeiro na figura do Quilombo como aparecia nos dois museus e ao não perceber a presença de representação deles nos acervos, passei a problematização do tema e dos museus para um projeto de mestrado. Fui aprovada no então Programa Multidisciplinar de Estudo Étnicos e Afro-orientais da Universidade Federal da Bahia. Sob a orientação do professor, doutor Marcelo Cunha, museólogo e professor do POSAFRO pude desenvolver o projeto, em consonância com as teorias da etnicidade, elementos de metodologia interdisciplinar entre ciências sociais e antropologia e estudos culturais.

Foi um avanço teórico muito importante para mim. Foi possível perceber como Museu pode ser pensado de diferentes formas e de diferentes miradas em acervos e trajetórias.

Foi possível inclusive ver que aquela desconfiança, sem aspas, tem razão de ser e pensar que o museu das certezas pode não ser o ideal para aquele social no qual esteja inserido. Minha dissertação foi publicada em forma de livro[7].



Meus artigos estão disponíveis em pdf no site da Academia Edu[8].



Escrevi um livro paradigmático que explora quilombos de Minas Gerais na região da Serra do Cipó[9], tantos os que existem efetivamente quanto os que existem apenas na memória sofrem nessa região com a voracidade da mineração a decompor materialmente, politicamente e historicamente vidas, lugares e memórias.

Uma boa forma de acabar esse artigo, na primeira pessoa talvez fosse contar os projetos de pesquisa futuros. Porém isso não será necessário, uma vez que o que foi pesquisado por mim até agora, carece do estudo da perspectiva do outro e seus museus, se é que eles existem. Este talvez seja o início da formulação de uma boa hipótese.

Em Belo Horizonte, Minas Gerais, 20, outubro de 2020.

[1] RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

[2] ANDRADE, Mário de, apud, OLIVEIRA, João Viana de. Jornal Tribuna de Minas, 1952, Belo Horizonte, p.8-9.

[3] BARBOSA Nila Rodrigues, Museu e cidade: o não-lugar do Negro no Museu Histórico de Belo Horizonte. Monografia defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Africanos e Afro-brasileiros, como condição para obtenção do título de Especialista. Orientação; Prof. Dr. Erisvaldo Santos. Ano 2007

[4] Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense, mestrado em História Social pela Universidade Federal Fluminense e doutorado em História pela Universidade Federal . Pesquisador do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, lotado atualmente na 13a Superintendência Regional. Tem experiência nas áreas de História (ênfase em História do Brasil Império e do Movimento Museológico Moderno) e em organização e gestão de museus. Atua principalmente nos seguintes temas: acervos museológicos, Brasil-museus, coleções, Brasil-história, teoria da memória, Museologia, cultura material. ID Lattes: 7833851873558681.

[5] BARBOSA, Nila Rodrigues [org.] Dossiê Representação dos Negros em Museus. Anais do Museu Histórico Nacional, v. 40, p. 144-147, 2008.

[6] BARBOSA, Nila Rodrigues. O não-lugar do negro no acervo museológico: problemas e perspectivas. IN GUIMARÃES, Manoel Salgado e RAMOS, Francisco Régis Lopes, [org.] Futuro do Prétérito: Escrita da História e História do Museu. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar / Expressão Gráfica Editora, 2010.

[7] BARBOSA, Nila Rodrigues. MUSEUS E ETNICIDADE. O Negro no Pensamento Museal. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

[8] <https://independent.academia.edu/NilaRodriguesBarbosa>

[9] BARBOSA, Nila Rodrigues; SILVA, Ulisses Manoel ; MURTA, R. . QUILOMBOLAS: Somos parte dessa história. 1. ed. Belo Horizonte: Bicho do Mato, 2014.

Nila Barbosa - Graduada em História pela UFMG, Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA e Aperfeiçoamento em Culturas e História dos Povos Indígenas. É pesquisadora atuando nos seguintes temas: história, cidade, história e raça museu e acervos, arquivos, quilombos e quilombolas. Escreve artigos e resenhas em periódicos científicos é autora do livro, Museus e Etnicidade: o Negro no pensamento museal e coautora do livro paradigmático Quilombolas: Somos parte desta história